



Só 11% engajados, o restante desengajado. E agora "CEO's"?

José Luiz Tejon

Na Global Conference Caliper debatemos os dados da pesquisa Gallup, com recursos humanos do mundo todo. Números reveladores do desengajamento das pessoas. Apenas 11% dos membros empregados se consideram engajados. Isso quer dizer profundamente comprometidos em dar o melhor e sublimar no trabalho. E agora "CEO's"? Faltam líderes em todas as pontas ou a sociedade contemporânea não tem mais condições de ter líderes sustentáveis em 360 graus, como sempre tivemos no imaginário do ideal? Seriam pessoas líderes ou precisamos de uma constelação, de um sistema, de processos e de uma estrutura química celular, que substitua o antigo ou impossível como regra hoje, o desejado líder?

Precisamos de líderes ou de lideranças? Seria possível criarmos softwares inteligentes de líderes para a ambientação da liderança, onde robôs farão o papel integrado da liderança, com máquinas inteligentes, desenvolvidas para eliminar equívocos e aprenderem com erros e acertos? Com certeza, no reino dos sistemas, de TI, e da tecnologia veloz e surpreendente, esses processos estão vindo, virão, e consultorias irão vender programas a prova de erros humanos na velha arte do liderar, ou seja, teremos DJ's de líderes, substituindo bandas, orquestras e fanfarras com pessoas e instrumentos ao vivo.

Mas, enquanto isso não chega, e enquanto essa laranja mecânica sistêmica não ocupa o espaço real do dia a dia, continuamos mergulhados na velha discussão. E agora CEO's, presidentes, diretores, acionistas e donos de negócios, como ficamos? Olhem para si mesmos. Liderança sustentável exige comprometimento maior e supremo do número "1" da organização, da área, do departamento. Liderança dói. Liderança exige transformação constante e mutante da pessoa na missão de liderar.

O novo diretor precisa ser multigeração, falar com os "boomers", os Y's, e os linksters... ah, sem esquecer dos perdidos intergerações, os X's (brincadeira, risos). Este hiper líder contemporâneo precisa sossegar. Ver se esquenta a cadeira. Precisa parar de voar de cadeira para cadeira trocando de posição a cada dois anos, muito mais preocupado com o "way out" e o "way in" de suas entradas e saídas empresariais, do que com o "way stay".

Vejo muitos altos dirigentes reclamando que os jovens não "ficam". Está bom, olha pra cima nas organizações, ninguém mais fica. Qual a autoridade que tem um dirigente, louco pra não ficar, louco pra ter a sua agenda pessoal acima da agenda da empresa, em dizer para a equipe de centenas de colaboradores que eles precisam de engajamento e comprometimento.

Exceções existem e continuam sendo ótimas para justificar a regra. Está na hora de mudar. Mudar métricas, mudar sistemas de contratações, mudar preparo de jovens nas empresas e na sociedade, mudar contratos e suas cláusulas de "way out", mudar bônus e colocar leis de sustentabilidade na nova arte de liderar. Todo líder será avaliado por sua capacidade de criar e pelo que não destruir para criar. E numa visão de longo prazo.

Bem, caso contrário, continuem contando apenas com esses 11% de engajados, que decidem ser assim, por que querem assim "ser".

Fonte: IndikaBem [Portal]. Disponível em:

<<http://www.indikabem.com.br/carreira/lideranca/2013/05/so-11-engajados-o-restante-desengajado-e-agora-ceos-3/>>. Acesso em: 14 maio 2013.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais.